



Suplemento do
Jornal CONTEXTO
PASTORAL nº 31
Março/abril de 1996

Debate

Vitória da vida sobre a morte



Para os cristãos, a Ressurreição é um dos pontos altos da salvação. Ela representa a vitória da vida sobre a morte e a esperança de novas relações, marcadas pela solidariedade e pela justiça. DEBATE apresenta a temática, com reflexões que incluem o significado do renascer na perspectiva holística, sociopolítica e na relação entre o ser humano e Deus.

**ASSUMIR
A LINGUAGEM
DA ESPERANÇA**
Acreditar na ressurreição e anunciá-la é colocar-se no mundo e assumir a linguagem da esperança contra toda esperança.
Bíblia – Página 13

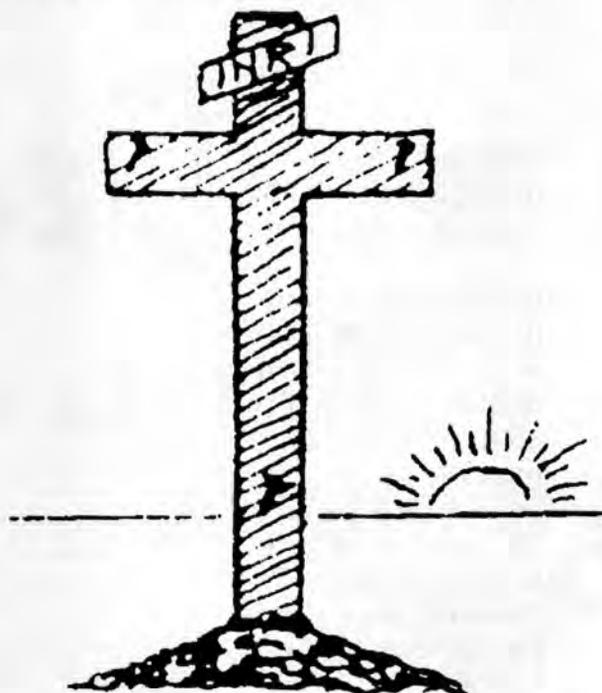
O MISTÉRIO DA RESSURREIÇÃO

O mistério possui muitas portas de entrada. Na tradição bíblico-cristã *mistério* não consiste num conteúdo fixo acessível apenas para iniciados, mas sim conteúdos cujo sentido jamais se esgota. Em virtude disso cada geração é convidada a reinterpretar os conteúdos da Fé em face dos novos desafios que a agenda do mundo apresenta e o Espírito impele a enfrentar.

Decidimos dedicar este Suplemento ao mistério da Ressurreição do Cristo. Ao invés das complexas (e imprescindíveis) reflexões exegético-hermenêuticas, optamos por outra inserção na temática: entrar pela porta da espiritualidade.

A espiritualidade da Ressurreição, como de resto a espiritualidade bíblica, encontra-se seriamente restringida nas igrejas, em virtude das formas subreptícias que a idolatria do mercado vem adquirindo nas práticas eclesiais.

Ao invés da Nova Humanidade inaugurada pelo "primogênito dentre muitos irmãos" e dos Sinais do Reino, as preocupações estão se



deslocando para uma religiosidade utilitarista, preocupada antes de mais nada e acima de tudo com o sucesso econômico e as satisfações subjetivas. A despeito dos discursos doutrinários espiritualizantes, a prosperidade está sendo mais relevante que a nova natureza em Cristo.

Nos níveis individual e coletivo, a escolha entre o Deus bíblico e o deus das riquezas apresenta-se para as comunidades de Fé como um dilema atualíssimo.

Pastoralmente falando, no entanto, a espiritualidade da ressurreição tem sido (e deve ser) o alicerce da práxis cristã em todos os seus planos, sobretudo entre aqueles cristãos comprometidos com a Paz e com a Justiça.

Assim sendo, sob diferentes ângulos, e em confronto direto com as situações de morte que ameaçam o nosso povo, oferecemos aos nossos leitores uma oportunidade de revisitar a temática da Ressurreição, num tempo tenebroso que, pela ação sempre surpreendente do Espírito, pode converter-se em *Kairós*.

DEBATE

Suplemento do jornal
Contexto Pastoral nº 31
Março/abril de 1996

Publicação de KOINONIA
Presença Ecumênica e
Serviço (Rua Santo Amaro,
129 - 22211-230 - Rio de
Janeiro RJ,
Tel: 021-224-6713 e
fax: 021-221-3016).

Conselho editorial

Emil Schubert
José Bittencourt Filho
Lúcia Leiga de Oliveira
Rafael Soares de Oliveira
Tânia Mara Vieira Sampaio

Editor

Paulo Roberto Salles
Garcia (MTb 18.481)

Editor assistente

Jether Pereira Ramalho

Editora de arte e diagramadora

Anita Slade

Redator

Carlos Cunha

Secretária de redação

Beatriz Araujo Martins

Fotolito e impressão

Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem

10 mil exemplares

RESSURREIÇÃO: ABUNDÂNCIA DE VIDA NA MORTE

Jorge Atílio Silva Iulianelli

O processo de globalização tem implicado, entre outros aspectos, no uso excessivo das fontes naturais da terra e na exclusão de filhos e filhas de Deus. Todavia, as novas relações da humanidade solidária com o criado e, com ele, irmanada com o Deus Criador e o Cristo Ressuscitado, permanecem sendo um dom

Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! estende a tua mão e põe no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!
(João 20.27)

A visão cristã do mundo esteve marcada por uma teologia da criação e uma escatologia que afirmava um poderio quase infinito do humano em relação a todo o criado (uso esta categoria em alternância com a de "criatura"). O ser humano, imagem e semelhança do Criador, era visto como alguém destinado a dominar a "natureza". A diversidade da criação estava subordinada às criaturas humanas. Esse domínio é exercido duplamente, pelo controle e pelo uso dos recursos naturais. Há uma coerência muito grande na afirmação, de várias correntes de ecologistas, que responsabilizam o Cristianismo por esse modelo de socie-

dade moderna, tecnocientífica, que conhecemos. A Páscoa, que afirma o senhorio do Cristo sobre tudo o que foi criado, parece ratificar essa concepção: os cristãos, senhores do mundo, devem tomar a Terra como sua serva, sob controle e para a utilização em benefício da humanidade.

Já conhecemos os efeitos dessa concepção. A constituição desse modelo de desenvolvimento capitalista, que desemboca na atual globalização, tem implicado em uso desmesurado das fontes naturais de energia que pode levá-las ao esgotamento; poluição ambiental que provoca o efeito estufa; ocupação desordenada do solo, colocando em risco diversas espécies de animais; pesquisas na área de nutrição que provocam degenerações genéticas como as da "vacca louca"; pesquisas biogenéticas extremamente perigosas para todas as espécies; sem falar na ameaça constante do "nuclear"; e na dizimação de uma das espécies menos cuidada na Terra: o ser humano. Basta pensar no conjunto de culturas que foram extintas, pelo menos, nos últimos 500 anos.

O autor da Carta aos Hebreus nos diz: "É ele o resplendor de sua glória e a expressão do seu ser; sustenta o universo com o poder de sua palavra" (Hebreus 1. 3a). O Cristo, aquele que venceu a morte, é brilho da glória de Deus, sustentáculo do universo: a glória de Deus que, conforme o evangelho de João, é confirmada

em toda a vida do Cristo, de amor-serviço, que culmina na Ressurreição, que supõe a cruz e a cruz é escândalo e loucura. É sempre bom lembrar: a cruz não é *conditio sine qua non*, mas é fruto do pecado humano (estrutural?), ela é condenação injusta de subversão e blasfêmia. Cristo é assassinado. A Ressurreição é restauração da justiça: a morte do Criado é restaurada em Cristo Jesus. O que significa a Ressurreição numa perspectiva holista?

TERRA: NOSSA CASA, NOSSA VIDA

Fala de Davi Kopenawa Ianomâmi: "Se os garimpeiros continuam a andar na nossa floresta, se eles não voltam para o lugar deles, os ianomâmis vão morrer, vão verdadeiramente acabar (...) Eles querem ficar sozinhos com nossa floresta. Por isso estamos assustados. Outros ianomâmis não vão ser criados depois de nós." (CEDI:1990) "Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom." (Gênesis 1. 31a). A *oikoumene* é a raiz da "oikologia"; sem os habitantes da Terra, a Casa fica sem sentido. Estamos numa grande nave no Cosmos, somos mais de cinco bilhões de seres humanos, num Planeta de quinta grandeza, viajando pela Via Láctea em nosso pequeno sistema solar. Somos poeira cósmica junto de milhões de outros seres, sem os quais nada tem sentido. Todo o criado é muito bom. A floresta para os ianomâmis, para os seringueiros do Acre, para as po-

'As propostas de desenvolvimento têm de estar subordinadas a critérios éticos. Uma ética ecológica implica o abandono de uma moral utilitarista e individualista'

pulações ribeirinhas da Amazônia, para os guaranis em processo de suicídio, é *fons vitae*. Fonte de vida que gera vida e vontade de viver. Não apenas vivemos da Terra, mas vivemos com a Terra e na Terra.

FONS VITAE ÆETERNAE

Toda a criatura é sustentadora da vida porque revela a glória do Criador, apenas no criado, como criaturas entre criaturas, conhecemos a glória de Deus. A Terra, esse imenso e complexo ecossistema, em constante processo de mutações, é fonte de vida. Nós, seres de alteridade, somos vulneráveis, todas as criaturas somos vulneráveis. A Terra, nossa irmã-criatura, é

fonte de todas as possibilidades de superação dos limites vitais. A Biologia, a Genética, enfim, as pesquisas sobre o biogenoma, nos revelam as possibilidades de vitalização das criaturas, e, em especial, entre elas, dos seres humanos. A Terra se nos revela como deidade: criatura que funda e sustenta a vida, reveladora da Graça de Deus.

"Não temas! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Vivente, estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da Morte e do Hades." (Apocalipse 1.17b-18). A Terra é dom de Deus (Salmo 24.1) e estamos todos nela banhados pela luz do Ressuscitado. Ele é a nossa Vida. E isso é muito exigente. Implica em um compromisso com a criatura que é "responsável". Podemos responder ao dom de Deus ao nos animarmos a viver a lógica da "fraternura" com o criado, numa resposta gratuita à gratuidade de Deus. E o criado inclui a morte, a dor, o desprazer, o mal. Como afirma Juan Luis Segundo, há algo de Deus no Mal. Talvez, por isso,

o escândalo da Cruz seja loucura. É loucura que o Deus de amor seja morto em seu Filho na Cruz. O sacrifício é vitimário, a vítima não expia a culpa por ser vítima, mas porque inverte a lógica: Ressuscitando denuncia a injustiça do assassinato e revela a verdadeira dimensão da justiça; a criação abundante de vida.

CIVILIZAÇÕES TRADICIONAIS X CIVILIZAÇÕES TECNOCIENTÍFICAS

O processo de globalização implica na inserção de todos os segmentos humanos na mesma dinâmica histórica. Ninguém ficará de fora das conseqüências da globalização. Como se dará a inserção das sociedades tradicionais nesse processo? Será a dizimação ou alguma forma de integração. O que conhecemos, até agora, desse processo, deixa-nos antever uma larga onda de exclusão social, que deixará de fora não apenas setores inteiros das sociedades tecnocientíficas, mas sociedades tradicionais inteiras e sociedades tecnocientíficas "não



Mesmo com os sinais de morte encontrados no mundo hoje...

competitivas". O que será dos 250 mil indígenas brasileiros? Que lugar eles ocuparão no mundo da "Terceira Onda" (Tofler)? Além disso, e os setores sociais excluídos: os desempregados; a infância e a velhice descuidada; as pessoas "improdutivas". O que será deles?

Em 1979 o Conselho Mundial de Igrejas realizou uma Conferência sobre "Fé e Ciência num mundo injusto". Nessa Conferência o CMI, ao refletir sobre as relações entre Deus, humanidade e natureza, afirmou: "Justiça é indivisível: envolve os que sofrem hoje e aqueles que ainda vão nascer, assim como a criação não-humana. Embora a prioridade atual sejam aqueles que sofrem agora, isso não significa que possamos rejeitar nossa responsabilidade pela Terra que é nossa casa comum. A vida da humanidade e da natureza está ameaçada pela mesma atitude opressora de exploração.

"Mas, o inverso também é verdade. Nessa longa estrada, apenas uma sociedade justa pode ser uma sociedade sustentável. Esforços para preser-

var o ecossistema para os ricos e poderosos às expensas dos pobres e fracos podem levar os oprimidos a usar de meios revolucionários para promover transformações. Violências e guerras poderiam aniquilar nossa civilização mais rapidamente que a destruição ecológica. Por isso, justiça e sustentabilidade apenas serão encontradas por meio da participação. Se restrições ao consumo e mudanças no estilo de vida são impostas de cima, a resposta pode ser a evasão, uma atitude nihilista diante do futuro e uma erosão da responsabilidade. A única resposta é o desenvolvimento de estruturas participativas, capacitadoras e mo-

Apenas mergulhados na Criação podemos entender a criatura como manifestação do Deus Pai e Mãe, que se nos oferece na experiência humana e amorosa do Cristo Jesus

tivadoras. Nisso as igrejas cristãs podem ajudar a mostrar o caminho." (CMI:1979)

Embora a conclusão sobre a possibilidade revolucionária esteja fora de lugar atualmente, a necessidade de mecanismos de participação permanece. A missão que o CMI indicava para as igrejas cristãs, em 1979, permanece atual. Diziam os bispos romano-católicos, na mesma direção, em Santo Domingo: "As propostas de desenvolvimento têm de estar subordinadas a critérios éticos. Uma ética ecológica implica o abandono de uma moral utilitarista e individualista. Postula a aceitação do princípio do destino universal dos bens da criação e a promoção da justiça e solidariedade como valores indispensáveis." (Santo Domingo, 169)

A luz do Vivente, ao iluminar o criado ameaçado, assume a ameaça, o Mal. É a justiça que clama. Uma justiça que inclui todo o criado, uma ética ecológica se quisermos. É o apelo de toda a criação, seres humanos e não-humanos. "Ele é antes de tudo e tudo nele sub-



... a Ressurreição abre aos cristãos a perspectiva de nova vida e de novas relações

siste. Ele é a cabeça da Igreja, que é seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos (tendo em tudo a primazia), pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz." (Colossenses 1.17-20). A paz do Cristo, a reconciliação, já está, em sinais, presente e atuante. Ele é quem possibilita, contra toda a esperança, viver a justiça.

O USO DO SOLO NA CIDADE E NO CAMPO

"Este patrimônio ficou tristemente famoso quando, em 23 de maio de 1985, dezoito pistoleiros do grupo de Sebastião de Terezona invadiram uma casa e atacaram Leonilde Resplandes da Silva, de treze anos. Não só a violentaram, mas a queimaram viva. Depois mataram Francisco Pereira de Moraes, seu companheiro, e o irmão dele, Manoel Pereira Moraes." (Ricardo Rezende: 1993.) A violência no campo e na cidade é fruto, entre outras coisas, da ocupação irregular do solo. No campo, os latifúndios; na cidade, a especulação imobiliária. O déficit de moradias e de terra para os pequenos e médios produtores é imenso. Não é à toa que aqueles que lutam pela reforma agrária e pela reforma do uso do solo urbano têm suas vidas ameaçadas, quando não condenadas.

O tema da ecologia não pode deixar de fora essa dimensão da existência, a moradia. O espaço vital onde as pessoas criam suas vidas, têm seus filhos e filhas, e, porventura, produzem para a sociedade. "A terra é, pois, o lugar do encontro de Deus com as criaturas humanas, dessas criaturas en-

tre si, e delas com o Deus Criador. Para que a terra seja esse lugar de encontro ela precisa ser livre, como livre foi a sua criação. A liberdade da terra significa a sua disponibilidade para esse encontro. Para que o encontro tríplice, acima mencionado, possa realizar-se, a terra não pode ser dividida em pequeninas terras, cercada de muros e policiadas por proprietários." (CEDI: 1989).

PARUSIA: NOVOS CÉUS, NOVAS TERRAS, NOVA HUMANIDADE

É o todo criado que é banhado pela luz do Ressuscitado. Todo o mal, tanto os desastres naturais, como enchentes e inundações provocadas por chuvas e descaso do poder público como o efeito estufa, é revelador das possibilidades infindas de solidariedade humana e planetária. O cosmos é o lugar do Cristo Ressurreto, tudo em todos, presente na ínfima molécula e na complexidade enorme do Universo, razão da grande explosão (*big bang*) e de toda a vida existente. O Cristo Senhor está presente em nossas vidas. Acima foram citados textos antigos que falam de situações ainda presentes. Os processos da globalização acirram problemas e situações que já vinham sendo vivenciados. As novas relações da nova humanidade solidária com o todo criado e, com ele, irmanada em Deus criador e salvador, em Jesus Cristo Ressuscitado, permanecem sendo um dom.

A solidariedade de todo o criado é inerente à Criação, é graça de Deus. Em outras experiências religiosas a identidade do Criador com as criaturas é imediata. No Cristianismo temos a experiência da mediação do Senhor Ressuscita-

do. A força da vida não é evidente num mundo de morte. Pelo contrário, a experiência parece indicar que a vitória da morte sobre a vida se sobrepõe. "Ó morte, onde está teu aguilhão fatal?", pergunta Paulo, porque o Cristo ressuscitado nos faz experimentar uma vida nova, que já é eterna, de alguma maneira. "Agora vemos como que num espelho" (1 Coríntios 13.12), os sinais dos tempos falam da realidade do *já-ainda-não* do Reino.

Apenas mergulhados na Criação podemos entender a criatura como manifestação do Deus Pai e Mãe, que se nos oferece na experiência humana e amorosa do Cristo Jesus. Aquele que nos ensina a apreciar a beleza (inútil) dos lírios e dos pássaros, do grão de mostarda, que é a menor das sementes, mas que nos oferece um arbusto capaz de dar sombra agradável. Ele, o Princípio e o Fim, torna nova todas as coisas em nós. Ao fim e ao cabo diremos, se "tivermos em nós os mesmos sentimentos que Jesus", "somos servos inúteis". Por meio dele somos convidados a dizer: "Vi um novo céu e uma nova terra pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. (...) Nisto, ouvi uma voz forte que do trono, dizia: 'Eis a tenda de Deus com os homens, Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus com eles, será o seu Deus. Ele enxugará toda a lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim, as coisas antigas se foram!'" (Apocalipse 21.1-4).

Jorge Atilio Silva Iulianelli é mestreando em Filosofia e integra a equipe de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

ENSAIO GERAL DA LIBERTAÇÃO DO POVO

(As implicações sociopolíticas da Ressurreição de Jesus)

Marcelo Barros

Para se viver a ressurreição, é preciso optar pela novidade radical da justiça, tanto nas relações pessoais como na caminhada política

Certamente, a palavra da Cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, é poder de Deus. (...) Nós pregamos a Cristo Crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios. Mas, para os que foram chamados, tanto judeus, como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. (1 Coríntios 1.18, 23,24)

Para mim, estas palavras ganharam uma atualidade mais forte em um encontro de espiritualidade do qual recentemente participei. Coordenando uma meditação para padres e pastores, insisti que a nossa mística, pregação e culto deveriam ser mais centrados no testemunho da ressurreição de Jesus. Imaginem vocês que alguns não concordaram. Diziam que o povo vive uma situação de vida tão pesada e dolorosa, que não seria real e honesto falar da ressurreição como algo que podemos testemunhar, ou, de certo modo, experienciar. Ela deveria ser, apenas, anunciada, como um fato ocorrido com Jesus Cristo e como uma esperança e desejo que só vive-

remos no Reino. Agora, o que existe é a cruz.

A LINGUAGEM DA CRUZ VAZIA

De fato, a análise da situação era correta e eu concordava com o grupo. Mas não podia concordar com aquela conclusão. Foi aí que alguém citou as palavras da Carta aos Coríntios: "Pregamos o Cristo Crucificado...".

Sai daquele encontro lutando com este texto. Muitas vezes retomei-o e orei. Até que consegui compreender melhor. O que quer dizer, hoje, anunciar o Cristo Crucificado? A que Crucificado é possível testemunhar? Não a alguém morto, mas ao Senhor Vivo e Vencedor a quem Paulo havia se referido quando escrevera: "Eu pertencço ao Cristo". Ninguém pertence a um defunto.

A linguagem da cruz só é escândalo porque, sendo vitoriosa como cruz do Ressuscitado, muda tudo. Se fosse a cruz de um desaparecido, seria relegada ao esquecimento, ou ignorada como tantos crimes que o mundo faz questão de não saber. A cruz era o mais terrível castigo dos escravos rebelados contra o império. Era símbolo das pessoas malditas pela religião e pelo aparato do poder. Quantas cruces se viam nas estradas e quantas pessoas morreram na cruz, vítimas dos impérios deste mundo?

O que faz da Cruz do Cristo

um problema religioso, social e político é o fato de que ele ressuscitou. O Cristo Crucificado não é alguém desaparecido, ou morto. Pode ser anunciado, porque está vivo. Por isso, a linguagem da cruz é perigosa. Transforma os critérios de julgamento. Por causa dela, a loucura torna-se sabedoria e a fraqueza passa a ser força. Um condenado sem qualquer possibilidade vence a morte e o mundo. O poder não teve a última palavra.

Fazer de um condenado à cruz um sinal do poder da sabedoria de Deus é transformar radicalmente a própria imagem da divindade. A maioria das pessoas ainda fala de Deus, como um Todo-Poderoso, identificado com a ordem e responsável por tudo o que acontece. Aí, Deus mesmo manifesta-se na cruz de Jesus. Não porque lhe agrada sofrer, mas para que as pessoas humanas possam reencontrar a sua identidade e a sua liberdade. O próprio Deus revela-se louco e vulnerável, fraco e carente, como uma mãe amorosa que dá a vida por seus filhos e filhas.

A RESSURREIÇÃO É UMA NOVA E DUPLA INSURREIÇÃO

Levei um susto quando, nos tempos da ditadura militar brasileira, descobri que o próprio termo "ressurreição" lembra "insurreição". Na Bíblia, uma das primeiras imagens da res-

surreição é a famosa visão que o profeta Ezequiel teve, no meio do cativeiro da Babilônia. Ele viu ossos secos que, pela força do sopro do Espírito, retomavam a vida, isto é, ressuscitavam. Conforme o profeta, aqueles ossos significavam a raça de Israel. Deus abriria os túmulos do seu povo, e dos seus ossos secos faria um grande exército que se levantara e se punha em posição (evidentemente de rebelião, já que se tratava do Israel escravo), movido pelo Espírito de Deus (Cf. Êxodo 37).

Hoje, vivemos em um mundo no qual a maior revolução possível é defender a vida; uma vida digna deste nome. As imagens e sinais do império da morte e do não-amor cobrem o mundo inteiro, cada vez mais dividido entre o hemisféio do consumismo e da abundância, destinado aos que podem gozar do conforto, já pensado e planejado para uma minoria de seres humanos, e, do outro lado, o imenso mundo dos excluídos, que o sistema lamenta, mas considera "vítimas inevitáveis do progresso".

Nesta realidade, o testemunho da ressurreição é dado quando a vida vence a morte e "aquilo que o mundo considera vil e desprezível, é mais forte e sábio do que a sabedoria do mundo". A ressurreição manifestou-se, hoje, mais do que em ovos de Páscoa e coelhinhos, nos movimentos e organizações populares que não aceitam entregar-se à morte. Resistem e lutam pela vida digna para todos.

TESTEMUNHAS DO REINO DA VIDA

Infelizmente, há as pessoas que não conseguem resistir. Um dia, os governantes, cujas

mãos assinam decretos assassinos como o que retira dos índios o justo direito a suas terras, vão prestar contas à justiça de Deus e à história humana. São responsáveis pelo sangue derramado de tantos adolescentes e jovens índios do Mato Grosso do Sul que continuam suicidando-se por não ter como viver sem terra e sem perspectivas de vida.

Entretanto, perante esses bandeirantes do Planalto, a maioria das comunidades indígenas tem revelado uma força

O testemunho da ressurreição é dado quando a vida vence a morte e "aquilo que o mundo considera vil e desprezível, é mais forte e sábio do que a sabedoria do mundo"

de protesto e denúncia que parece o Crucificado que, Vivo e Vencedor, torna-se juiz dos seus algozes.

No Brasil de Fernando I, fenômenos como a luta pacífica e continuada dos lavradores sem terra e a resistência de líderes como José Rainha e Diolinda no Pontal do Parapanema, assemelham-se a um testemunho dado, há cinco ou seis anos quando houve, na China, o levante da Praça Celestial. O mundo inteiro mostrou, em seus meios de comunicação, aquele jovem sozinho, desarmado e indefeso, diante de uma imensa fila de tanques de guerra, impedindo que a força do mal vencesse a liberdade. Assim se portam os sem-terra desafiando as ameaças de vida e as muitas prisões e violências

da polícia para testemunhar que a terra é direito sagrado do povo.

Independentemente de qualquer ligação destas pessoas ou grupos com o Cristo, ou alguma igreja, o testemunho que nos dão de crer na vida e lutar pela justiça e pela liberdade é uma parábola da força da ressurreição.

UMA ENERGIA QUE VAI CRESCENDO

Naquele encontro de espiritualidade, alguns negavam-se a comemorar a ressurreição por causa das forças da opressão e da morte atuantes em nossa sociedade. Mas, a ressurreição de Jesus não é ainda a manifestação última da sua vitória. O dia da ressurreição mal começou. Como as mulheres que foram as primeiras testemunhas, estamos ainda no escuro da madrugada, esperando o sol nascer. Recebemos a boa notícia que aquece e alegra o nosso coração. Mas, ainda temos de correr para comunicar aos irmãos e irmãs os sinais novos que vimos e ouvimos. Conforme os evangelhos, quando Jesus ressuscitado manifestou-se aos discípulos, apresentou-se como vencedor, mas tinha chagas nas mãos e no lado aberto pelo soldado na cruz. A ressurreição é a força de uma vida nova que vai tomando conta deste mundo.

Para aprendermos a viver a ressurreição, é preciso optar pela novidade radical da justiça do Reino, tanto nas relações pessoais, como na caminhada política. Muitas comunidades celebram a Páscoa, não apenas para manter uma tradição, ou simplesmente reviver o passado, mas para ensaiar este futuro novo.

CELEBRAR É ENSAIAR A RESSURREIÇÃO

Quero contar um fato que me aconteceu. Para contá-lo, peço perdão às pessoas mais piedosas ou cuja interpretação da fé é diferente da minha. Quando eu era jovem, morava em Olinda. Já era monge beneditino, mas não conseguia refrear um desejo: ver o desfile da "Pitombeira dos Quatro Cantos", famoso bloco de carnaval de Olinda. Apesar de que, na época, não se compreendia encontrar um monge em pleno carnaval, uma vez consegui uma rápida permissão e corri para assistir ao desfile da Pitombeira. Era impressionante a multidão que enchia ruas e ruas, como também a poeira que o frevo levantava, dando ao espetáculo um clima feérico e meio irreal. Havia um ambiente de alegria e vibração que parecia mágico. Como era bonita a orquestra e as fantasias de todos aqueles foliões. Confesso que eu estava ali, naquela esquina, extasiado, quando alguém tocou nos meus ombros. Era simplesmente um padre, professor de teologia no seminário. Achei que devia desculpar-me: "eu estava só olhando e muito rapidamente". Ele achou graça e contou que estava brincando e dançando na rua. Antes de que eu respondesse qualquer coisa, acrescentou o seguinte:

"Você já pensou como será bonito no dia em que todo o povo tiver direito de expressar esta liberdade dentro de uma de nossas igrejas? Como seria bom que uma explosão de alegria dessas pudesse acontecer pela celebração da Ressurreição de Jesus?"

Escutei-o. Mas, como monge, habituado à alegria contida do canto gregoriano e ao culto disciplinado e hierárquico do mosteiro, não conseguia imaginar o que tinha a ver um carnaval com a ressurreição de Jesus e o modo de celebrá-la.

O tempo foi passando e, mais tarde, na década de 1970, escutei Chico Buarque cantando:

*Quem me vê assim, parado,
distante,*

*pode até pensar que eu não
sei sambar.*

*Tou me guardando pra
quando o carnaval chegar.*

Na linguagem cifrada da alusão, única possibilidade de driblar a censura militar, Chico ensaiava o carnaval da libertação. Lembrei-me, então, daquelas palavras do meu professor de teologia.

Neste ano de 1996, numa periferia da cidade de Goiás, fizemos uma vigília pascal que começou às oito da noite e acabou às seis da manhã. Reunimo-nos num largo do bairro, fizemos serenata para a lua cheia, trabalhamos a terra com as mãos, celebramos o Cristo Ressuscitado como Luz, acendendo um fogo novo que nos acompanhou a noite inteira e dançamos muitos cânticos bíblicos e do nosso povo. Recordamos diversas passagens de Deus nas culturas e na história de nossos povos afro-americanos e após lembrar o Êxodo da Bíblia e proclamar a Ressurreição de Jesus, renovamos o nosso batismo e fizemos a Santa Ceia, seguida de um saboroso café da manhã para todos. Quando, no final, eu me retirava, fui procurado por dona Bárbara, uma das coordenado-

*A ressurreição
manifesta-se hoje nos
movimentos e
organizações populares
que não aceitam
entregar-se à morte.
Resistem e lutam pela
vida digna para todos*

ras de grupo bíblico da comunidade. Ela parecia mais enrugada do que nunca. Desejei-me "Feliz Páscoa!" e agradeceu-me dizendo: "A vida está tão dura que eu estava carecendo demais de uma festa como esta. Agora, volto pra casa alegre e mais forte".

Este testemunho confirmou-me como é preciso romper com este mundo sem graça, ensaiando a festa da vida. Descobri que aquela celebração tinha sido um ensaio da libertação, mais eficaz e realista do que qualquer comício ou protesto coletivo, tanto por manifestar a resistência, como por anunciar a novidade na qual cremos. Tinha revigorado a força e as energias afetivas do povo cansado a partir da fé e do louvor ao Cristo Ressuscitado. Como diz o irmão e amigo Pedro Casaldáliga em um dos seus poemas, a gente é chamado a:

*saber esperar, sabendo,
ao mesmo tempo forçar,
as horas daquela urgência,
que não permite esperar.*

Marcelo Barros é monge beneditino e assessor das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

RESSURREIÇÃO E A VIDA NO ESPÍRITO

Ricardo Barbosa de Sousa

A vida segundo o Espírito surge da ressurreição de Cristo, do Calvário vazio, da esperança de que há um novo céu e uma nova terra

A ressurreição de Cristo sempre ocupou um lugar central na espiritualidade dos cristãos. É na esperança criada por ela que nasce o sentido mais pleno do que significa "viver segundo o Espírito". Infelizmente, muitos cristãos que não compreendem a profundidade nem as implicações da ressurreição para a espiritualidade cristã acabam construindo um modelo de vida alienante e não evangélico.

Para muitos, quando falamos sobre espiritualidade ou nos referimos a alguém como "espiritual", imediatamente suas mentes se deslocam para algum tipo de comportamento que, dentro de certos conceitos e padrões, é definido como espiritual. Quando afirmamos que tal igreja ou pessoa é espiritual, na verdade estamos classificando o comportamento de tal igreja ou pessoa dentro dos referenciais religiosos ou culturais que nos possibilitam julgar o estado espiritual dos outros. A espiritualidade nada mais é do que um modelo comportamental gerado a partir das conveniências sociais e religiosas que determinados grupos criam.

O risco dessa percepção é o

de construir uma grande separação entre aquilo que é espiritual e aquilo que não é. Há comportamentos, lugares e atividades que são, por natureza, espirituais, e outros que não são. Basicamente, o mundo espiritual é definido pelas atividades e comportamentos que dizem respeito ao universo restrito da religião. Aquilo que não é próprio do mundo religioso, não é espiritual.

A partir desta ótica comportamentalista, a tendência mais comum é definir a "vida segundo a carne" como a vida do corpo, e a "vida segundo o Espírito", como a vida da alma. Tudo o que diz respeito ao corpo, ao mundo material e concreto do dia-a-dia das pessoas, as rotinas e atividades "não-religiosas", não é espiritual. O espiritual é tudo aquilo que refere-se às atividades da alma e do espírito, ao mundo não-material e não-concreto.

A ESPIRITUALIDADE DE JESUS

Nos tempos de Jesus, havia muitos grupos que se julgavam no direito de estabelecer os valores morais e/ou religiosos que determinavam a espiritualidade de alguém. Cada um, a seu modo, determinava qual era o conteúdo e a forma da fé. No entanto, Jesus rompe com esses valores e critérios externos, presos às tradições, trazendo uma nova maneira de perceber a fé, contradizendo e opondo-se rigorosamente àqueles que se julgavam deten-

tores do monopólio da religião e da verdade. Poderia citar como exemplo a "mulher pecadora" que interrompe um jantar na casa de um fariseu, derramando lágrimas aos pés do Mestre, enxugando-os com seus cabelos, beijando-lhe os pés e unguendo-os com perfume. Jesus elogia esse gesto enquanto o fariseu recrimina-o, pois tratava-se de uma "pecadora". O encontro termina com uma repreensão ao fariseu e uma palavra de esperança à "mulher pecadora": "Vai, a tua fé te salvou". Jesus era capaz de encontrar sinais de fé e resgatar a esperança em situações em que dificilmente os que vêem a religião apenas como fenômeno que define o comportamento humano num determinado contexto são capazes de ver.

É interessante observar que, para Jesus, em momento algum encontramos estabelecendo esse tipo de categoria distintiva na vida humana, ou seja, para ele não havia uma "vida espiritual" desconectada da realidade do dia-a-dia dos homens. Este conceito não é encontrado nos evangelhos definindo uma entre tantas outras "vidas" que compõem a complexidade humana. A espiritualidade de Jesus foi vivida de forma integral, não houve momentos em que ele era mais ou menos espiritual do que em outros. Jesus não foi mais espiritual no monte da transfiguração do que na casa de Levi "comendo e bebendo" entre publicanos e pecadores. Não foi mais espiri-

tual na cura de um enfermo do que quando confrontou o sumo sacerdote Caifás ou mesmo o próprio Herodes, chamando-o de "raposa". A espiritualidade vivida e encarnada por Jesus de Nazaré foi sempre uma espiritualidade comprometida com a vida e com todo o propósito divino em salvar o homem do pecado e de todas as suas consequências; jamais poderia ser classificada dentro de estereótipos determinados pelas tradições humanas, pois nunca sofreu qualquer tipo de alteração, tendo sido uma espiritualidade comprometida com a história e com os desafios do seu tempo.

A RESSURREIÇÃO E A VIDA NO ESPÍRITO

A vida de Jesus bem como sua espiritualidade não foram definidas pela percepção imediatista e circunstancial da existência humana. O céu e a terra, o eterno e o temporal estavam misteriosamente sempre presentes na vida de Jesus. A certeza de que a vida não se limitava ao breve tempo de existên-

cia terrena dava a ele a consciência do eterno que determinava o significado do presente.

Ao ensinar seus discípulos a orar ele afirma: "Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu." É neste sentido que o céu e terra se misturam. Um está presente no outro e dá significado à vida. Para Jesus, viver "segundo o Espírito" (se é que é possível para ele falar nestes termos) é, simplesmente, viver segundo o poder da ressurreição. É quando o céu determina a vida na terra e o eterno dá sentido ao temporal. A partir do momento em que a vida humana é determinada pelo poder da morte e não da ressurreição deixamos de viver "segundo o Espírito" e passamos a viver "segundo a carne".

A "vida segundo o Espírito", na linguagem de Pablo Richard, significa que: "o homem espiritual é o homem vivo, salvo, liberto da morte. A espiritualidade não é a vida da alma liberta do corpo, mas a vida do homem liberto da morte. A salvação é o resgate da vida contra o poder da morte, não é o resgate da alma contra o poder do corpo". Para ele, a espiritualidade cristã não pode ser simplesmente definida por comportamentos, atividades e posturas entendidas como espirituais. A vida no Espírito não é a vida da alma que se tornou liberta do poder do corpo, mas a vida liberta do poder da morte que encontra na

Ter o Espírito de Cristo é ter o próprio Cristo vivendo a vida da ressurreição em nós e por meio de nós

ressurreição o significado da sua existência. É quando a totalidade da vida (corpo e alma) é determinada pelo eterno e pelo céu e não pelo circunstancial e pelo terreno.

Quando a morte, e o medo dela, determinam a natureza da vida humana e a ressurreição não tem mais nenhum poder e verdade, cessa a vida espiritual. É aquilo que o apóstolo Paulo afirma quando diz: "Comamos e bebamos porque amanhã morreremos". O fatalismo da morte cria a loucura e o desespero da vida. Reduzimos a existência humana a uma busca frenética de significado a partir da morte e da total desesperança que ela cria. Não há nada além dela a não ser o vazio, o caos. É uma vida orientada pela morte e para a morte.

A ressurreição de Cristo, ao contrário, traz uma nova esperança. Não é mais a morte com seu poder destruidor quem dá as últimas cartas, mas a ressurreição e a certeza de "novos céus e nova terra". Na linguagem do apóstolo Paulo, a "vida segundo o Espírito" é a vida que nasce da presença do Espírito de Cristo em nós. É a presença daquele que Deus com poder ressuscitou dentre os mortos e que agora, presente na vida daqueles que crêem, faz com que o eterno e o terreno se misturem dando um novo e vivo sentido para a vida. Ter o Espírito de Cristo é ter o próprio Cristo vivendo a vida da



Não é mais o medo da morte que nos orientará para a morte, mas o poder da ressurreição que nos orientará para a vida

ressurreição em nós e por meio de nós.

RESSURREIÇÃO E MISSÃO

A "vida segundo o Espírito" determinada pela vitória de Cristo sobre o poder da morte é também uma vida missionária. O sentido de missão que encontramos aqui é o fato de que o eterno e o divino é que vão determinar o significado do terreno e do humano. Não é mais o medo da morte que nos orientará para a morte, mas o poder da ressurreição que nos orientará para a vida.

O autor de Hebreus apresenta-nos um quadro que ilustra bem o que queremos dizer. Ele fala de Moisés que, num certo momento de sua vida, recusou ser chamado e tratado como um príncipe por ser filho da filha do Faraó. Diz o texto bíblico que ele "preferiu ser maltratado junto com o povo de Deus, a usufruir os prazeres

transitórios do pecado". Por que Moisés fez esta opção contrária à lógica e ao bom senso? Abriu mão dos benefícios concedidos a um príncipe e optou pelo sofrimento da escravidão do povo de Deus? A resposta é que ele considerou aquele sofrimento mais valioso do que os tesouros do Egito e abriu os olhos para contemplar aquilo que é eterno. Sua visão do eterno determinou suas escolhas do presente. Sabia que havia algo maior e mais pleno de sentido do que a transitoriedade de alguns privilégios e benefícios. Isto é fé, é vida espiritual, é a vida que brota do poder da ressurreição. Diz ainda o texto que "pela fé ele (Moisés) abandonou o Egito, nem ficou amedrontado pela cólera do rei, antes permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível". A fé é a capacidade de viver sustentado pelo que é invisível.

Ao contrário, a morte cria em nós o medo. Torna a vida restrita. Tira de nós a coragem de romper, de crer no novo, de ver o invisível, de celebrar a páscoa na certeza de que os pecados foram perdoados, a dívida paga, a morte já não tem mais poder, vencida foi a morte pela vitória da ressurreição. A vida, uma vez livre do poder da morte, encontra sua plenitude

em Cristo e no poder da sua ressurreição. A súplica do apóstolo Paulo é que diante do poder da ressurreição de Cristo, não devemos mais oferecer nosso corpo como instrumento de iniquidade e injustiça, mas "oferecer-nos a Deus como ressurrectos dentre os mortos, e os nossos membros a Deus como instrumentos de justiça".

A "vida segundo o Espírito" não é a vida da alma desencarnada do corpo, mas a vida do corpo liberta da morte. É a vida que surge do Calvário vazio, da esperança de que há um "novo céu e uma nova terra" onde Deus mesmo faz "novas todas as coisas", e que "enxugará dos olhos toda a lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram". Esta é a esperança que, uma vez crida e experimentada, dá-nos uma nova visão e percepção da transitoriedade da vida, e determina que a vida aqui só pode ser vivida pela certeza da vida eterna. A vida segundo o Espírito é a vida da ressurreição.

Ricardo Barbosa de Sousa é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Brasília/DF, e presidente da Fraternidade Teológica Latino-Americana (Brasil).

RESSURREIÇÃO OU A VITÓRIA SOBRE A MORTE

José Adriano Filho

Acreditar na ressurreição e anunciá-la é colocar-se no mundo e assumir a linguagem da esperança contra toda esperança. É sustentar a ação de Deus em favor da vida e a vitória sobre a morte

Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?
(1 Coríntios 15.55)

No Antigo Testamento não é possível falar da ressurreição sem primeiro falar da vida e da morte. A existência humana, no que possui de mais físico e concreto, é uma dádiva de Deus e expressa a sua liberdade: o sonhar não consiste em escapar desta vida, mas prolongar os dias na terra e alegrar-se com aquilo que o Criador oferece (Salmo 128).

A vida é uma força que atua, um poder que se exerce. É conhecida em suas manifestações: identifica-se com o sangue ou a respiração; no momento da criação do ser humano, Deus sopra nas suas narinas o fôlego da vida, e ele passa a viver (Gênesis 2.7). Como poder, pode aumentar ou diminuir, variar de intensidade de um momento a outro e de um ser a outro; a enfermidade, a fadiga, o sono e a morte são formas debilitadas de vida, uma espécie de vida que se esvai, sem possibilidade de expressão plena. A vida é um bem supremo e a

mais preciosa de todas as bênçãos: o ideal é morrer em idade avançada, cheio de dias, de bens e em paz, partindo depois de uma longa velhice plena de felicidade (Gênesis 15.15).

Por sua vez, a morte, que afeta a todo o ser humano, é perda de força, separação do Deus vivo, uma ruptura quase total com o mundo dos vivos e uma ameaça terrível e constante para a existência humana. Morrer prematuramente, partir na metade de seus dias, ou seja, antes de acabar a existência e de se esgotarem todos os recursos da vida, é uma enorme desgraça (Salmo 102.24). A morte apresenta-se como o último acontecimento da existência e se impõe a todos os seres humanos como algo inevitável e definitivo.

Ora, o israelita morre, mas Israel continua. Por essa razão, para que a morte não signifique uma ruptura total das relações entre Israel e os que morrem, importa que estes tenham descendência. Morrer sem ter filhos é uma grande desgraça e um sinal da reprovação de Deus. Aquele que morre sem filhos (herdeiros) representa toda uma família arrancada do mundo dos vivos: o israelita forma uma unidade com a sua família de hoje e de amanhã, um corpo com os seus antepassados e descendentes (Deuteronômio 25.5-10).

Entretanto, com o desenvolvimento histórico e as dificuldades encontradas por Israel a vida passou a ser compreendida como um bem reservado aos

que caminham com Deus (os que sobrevivem às catástrofes e acolhem o seu Reino). A vida assume um matiz escatológico, recebendo o seu significado último não do passado nem do presente, mas do futuro que Deus prepara para os seus. Deus dará um fim definitivo no poder da morte e os que estão reduzidos ao mundo dos mortos reviverão. Ele não só dá vida às suas criaturas, mas também a preserva e devolve (Oséias 6.1-3; 13.14; Ezequiel 37.1-10; Jó 19.25-27; Daniel 12.2,3).

Nesta situação, o que animava a esperança dos que sofriam era a certeza de que Deus se levantaria em seu favor e contra os seus perseguidores. Nesse pensamento escatológico que exprime a luta pela vida, a identidade e o direito dos excluídos, nasce a fé na ressurreição dos mortos. Surge como resposta às questões decisivas apresentadas naquele momento, transformando-se num acontecimento de grande significado: a ruptura real com o poder do caos.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Nas experiências que os evangelhos narram sobre Jesus ressuscitado encontramos dois elementos principais: a descrição do sepulcro vazio e as aparições do Ressuscitado. São narrações que indicam um limite: discutem o destino histórico de Jesus para a comunidade primitiva em decorrência da

crise provocada pelo seu assassinato, bem como constituem uma resposta à questão do destino dos valores praticados e ensinados por Jesus.

Em Jesus ressuscitado os discípulos tiveram a oportunidade de comprovar um dado fundamental: o Reino de Deus, o escatológico na história dá o sentido último. Os discípulos vivem e não vivem, ao mesmo tempo, a realidade com relação a Jesus. É esse viver, ao mesmo tempo na História e no escatológico, que está testemunhado nos relatos evangélicos: as narrações sobre o Ressuscitado julgam e verificam o sentido da História: "A realidade escatológica tocou tangencialmente a existência histórica dos discípulos, ao lhes proporcionar experiências da consequência de apostar no que significavam os valores pregados e praticados por Jesus contra a morte e o nada. As experiências de Jesus ressuscitado têm lugar e abrem um sentido. Cada umbral é assim como um presente, como um acento posto pelo dom, na novidade, na finalidade." (J.L.Segundo) Com a ressurreição, o último, o escatológico entra na História trazendo um mundo novo de sentido, prometido ao ser humano.

Outro aspecto que não podemos deixar de ver é o do surgimento da Igreja, com a força que a originou, sem a fé na ressurreição de Jesus. Pessoas que, apesar de perderem o seu mestre e amigo, ficaram tristes, frustradas e sem esperança, escondendo-se das autoridades com medo de terem o mesmo fim, de repente formaram uma comunidade proclamando que Jesus ressuscitou. Essa comunidade mostrava uma esperança direcionada para o futuro, com a consciência de ser a co-

munidade do fim dos tempos contra a qual os inimigos nada poderiam fazer. Essa fé levá os discípulos a resistir às forças do mal e da morte que assassinaram o seu mestre, concretizadas em sujeitos históricos. É a convicção de que o poder de Deus que ressuscitou a Jesus é maior que o poder da morte.

Como comunidade, os discípulos dão continuidade ao projeto de Jesus. O sentido da ressurreição está presente no serviço para a missão, que se liga à transformação do mundo, sendo o fundamento de uma nova vida e uma nova identidade. A afirmação da ressurreição legitima a missão: a ressurreição de Jesus, vista como a sua glorificação, constituiu-se no centro da pregação apostólica: "A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas" (Atos 2.32).

A REDENÇÃO DO MUNDO

A ressurreição de Jesus torna-se um pré-anúncio da ressurreição final que alcançará toda a humanidade: "Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem (1 Coríntios 15.20b). Com a encarnação de Deus em Jesus, o divino assume todas as limitações que caracterizam a existência humana. Ao mesmo tempo concretiza o desejo de superação da morte, lançando as bases para a compreensão de um mundo novo, de uma nova esperança (Hebreus 2.14-18). Jesus se desloca do seu lugar histórico até o passado mais distante, para ser o modelo do ser humano, e desloca-se para o futuro, tornando-se a meta vivificadora de toda a humanidade (Ro-

manos 5.15-17; 1 Coríntios 15.21-22).

Dessa forma, os sofrimentos do mundo presente passam a ter outro sentido. Vistos a partir da cruz, são um clamor e pré-anúncio de uma nova realidade. Toda a criação anseia por salvação e liberdade (Romanos 8.18-25). Ela aguarda a redenção dos filhos de Deus e será também redimida (v.19). Se perguntarmos qual característica será manifestada, pois ainda não é visível e gera a "ex-

Crer na ressurreição é sustentar a esperança de um "futuro com sentido" em razão do triunfo da justiça fundamentada em Deus

pectativa ansiosa" do universo, a resposta é "a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (v.21). Mas, para que essa liberdade se manifeste é necessário que os projetos humanos "sejam libertados da escravidão da corrupção", isto é, da morte, do pecado e da lei, ou seja, todos os mecanismos que os alienam, levando-os a outros propósitos.

Crê-se e anuncia-se uma realidade futura. Na cruz, Deus assume o sofrimento humano e abre as portas de um futuro victorioso pela ressurreição de Jesus: "Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita" (Romanos 8.11). A fé no Crucificado res-

surreto antecipa pela esperança a novidade de uma existência livre da morte. Esse desejo se transforma em esperança pela ressurreição de Cristo, tornando-se uma promessa divina em protesto ao sofrimento e anúncio de uma nova realidade ainda por vir.

O Espírito é a força do ressuscitado comprovada todos os dias na vida dos cristãos, é o senhor do futuro. A fé na ressurreição de Jesus é associada ao projeto que foi o centro da sua vida e mensagem. Cristo não poderia triunfar sem que igualmente o projeto pelo qual entregou sua vida triunfasse. O Espírito, ou seja, a força de Deus que liberta do domínio da morte, deve também tirar da morte o projeto de humanização plena do ser humano: Cristo não podia ser ressuscitado pelo Espírito sem que também ressuscitasse os "corpos mortais" de todos os seres humanos. "Aguardamos a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8.23).

A ressurreição, realização total do Reino, acontecerá quando os três principais inimigos – lei, pecado e morte – forem derrotados. Embora haja certa causalidade unindo estes três elementos, não é só a morte, principalmente a física, que afeta o ser humano, destruindo o seu corpo. A morte destrói mais, destrói o próprio sentido da vida humana. Da mesma forma, a ressurreição afeta de maneira radical a totalidade da existência humana em todas as suas relações e projetos. A ressurreição supera as barreiras

que separam as pessoas tornando-as irmãs e irmãos.

A luta pelo Reino de Cristo realiza-se na missão e nas provas de fidelidade, dadas pela comunidade a seus membros. A vida cristã é existência escatológica. Estar no Espírito e suportar conflitos são duas coisas fortemente unidas entre si, presentes na dialética do "já" e do "ainda não" do Reino. O domínio de Cristo sobre o mundo depende da vida de cada cristão e realiza-se pela afirmação da vitória na situação em que cada um de nós se encontra e em tudo o que ela abrange: o mundo novo está sob o signo da liberdade dos filhos de Deus, porque está sob o signo do Reino do Filho de Deus.

REIVINDICAÇÃO DA VIDA

Crer na ressurreição e anunciá-la é colocar-se, da forma mais radical possível, no mundo e na linguagem da resistência e da esperança contra toda esperança. É sustentar a ação de Deus em favor da vida e a vitória sobre a morte. A sua aceitação compromete-se com a causa de Jesus, quando os que crêem têm uma nova identidade: a dos que compartilham a utopia e a esperança de Jesus, a vida plena e as promessas de Deus. Crer na ressurreição é sustentar a esperança de um "futuro com sentido" em razão do triunfo da justiça fundamentada em Deus.

A esperança de que a história pode ser mudada indica que o futuro não é somente aquilo que está inacabado no presen-

te, mas promessa que se abre. Isso deve provocar uma ação que procura realizar os ideais do Reino de Deus: a justiça, a paz e a solidariedade humana. O Ressuscitado é também aquele que foi crucificado. Sustentar isso é essencial para que a fé na ressurreição tenha algum sentido para revelar aos povos de hoje, em sua maioria os mais sofridos: são os crucificados da história que oferecem a ótica privilegiada para captar de forma cristã a ressurreição de Jesus e de onde se deve interpretar a fé na ressurreição. (J.Sobrino)

A ressurreição de Jesus abre as portas para se compreender melhor a ressurreição do ser humano. A presença do Espírito Santo nos liberta das forças da morte (Romanos 8.1-17). Ele é o que agora anima o nosso corpo mortal, pela fé e pela esperança, garantindo que a vida em liberdade é possível (1 Coríntios 6.19-20). Por essa razão, a ressurreição dos nossos corpos, e a de Jesus como primícia, reivindica a corporeidade, elemento fundamental de defesa da vida concreta dos seres humanos. É necessário lutar por uma vida digna e pelo resgate dos corpos mutilados dos milhões de seres humanos excluídos, num mundo que consolida cada vez mais as estruturas de desigualdade.

José Adriano Filho, presbiteriano, mestre em Ciências da Religião, integra a equipe de KOINONIA Presença Ecológica e Serviço.

ASSINE AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DE KOINONIA!

CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens, análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito mais para você ficar por dentro do contexto. Isso sem falar no Suplemento DEBATE, que aprofunda temas da conjuntura numa perspectiva teológico-pastoral.

Assinatura anual: R\$ 12,00

Assinatura de apoio: R\$ 18,00

Exterior: US\$ 18,00

Número avulso: R\$ 2,00

CONTEXTO PASTORAL

O LOBBY DA FÉ



TEMPO E PRESENÇA

Com TEMPO E PRESENÇA você tem em mãos uma publicação singular. São páginas que constituem referência indispensável para todos os que se têm comprometido com a construção de uma realidade melhor. São análises dos mais relevantes temas da vida nacional e internacional sob variados pontos de vista.

Assinatura anual: R\$ 18,00

Assinatura de apoio: R\$ 25,00

Exterior: US\$ 50,00

Número avulso: R\$ 3,00



Os pedidos de assinatura, acompanhados com vale postal ou cheque nominal à KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para:

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
A/C Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel. (021) 224-6713 Fax (021) 221-3016
Exclusivamente no Rio de Janeiro